

3. O jaguncinho que virou professor

3.1. Pelas mãos de Euclides

Euclides da Cunha ainda não sabia, mas aqueles dias como correspondente de guerra para o jornal *O Estado de São Paulo* seriam cruciais em sua vida. A crueza da terra rachada; o assombro diante do homem sertanejo tão frágil e ao mesmo tempo tão forte; as dificuldades do exército brasileiro; as expedições fracassadas; a violência, as degolas, fim de tantos jagunços derrotados; o mito de Antônio Conselheiro, tudo isso seria material para o *livro vingador*, como ele mesmo o batizou. *Os Sertões* seria sua obra-prima, seu passaporte para a Academia Brasileira de Letras e o texto que o situaria no patamar dos grandes escritores do país.

Euclides embarcou no vapor Espírito Santo que o levaria a Salvador e depois ao incogitado sertão baiano com um caderninho. Nele, em uma grafia muitas vezes apressada, anotou suas impressões de viagem. A beleza da Baía de Todos os Santos, a disposição dos oficiais, os longos dias de viagem até a *Cidadela-Mundéu*, a geologia local, a temperatura, a pressão atmosférica, inúmeras palavras e expressões regionais que ele desconhecia, e ainda, o espanto ao ver o arraial: *Observei então, pela primeira vez Canudos. Surpreendente! Tem mais de duas mil casas.*⁵⁹

A altivez dos homens de Conselheiro também chama sua atenção.

Como explicar essa prodigalidade assombrosa dos jagunços? (...) Que disciplina extraordinária, a daquela gente! Lutam pela vida, no sentido mais estrito da frase (...). Mas não vacilam – não recuam – não se entregam e atiram⁶⁰.

E também se espanta diante da fé inquebrantável dos seguidores do beato, mesmo depois de vencidos.

⁵⁹ Olímpio de Souza ANDRADE (org). *Euclides da Cunha. Caderneta de Campo*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009. p. 139. (*Cadernos da Biblioteca Nacional*, v.6).

⁶⁰ Idem. *Ibidem*. p.161.

Os prisioneiros feitos revelam-se de modo notável. Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desânimo em seus rostos, onde se refletem privações de toda a sorte, a miséria mais funda; não tremem; não se acovardam e não negam as crenças ensinadas pelo evangelizador sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável.⁶¹

È através deste diário de expedição que temos a primeira notícia da existência do jaguncinho de nome Ludgero. Euclides registra em sua caderneta sua preocupação. O menino que recebera do General talvez não resistisse à viagem, pois se encontrava muito doente. Nas anotações, ele não especifica quem era o General que lhe dera o menino, mas o dia era 22 de setembro de 1897. Naquela quarta-feira, Euclides provavelmente ainda não sabia, mas Antônio Conselheiro vivia seus últimos momentos. A *causa mortis* é incerta. A versão mais aceita é que *a caminheira*, termo local para a popular diarreia, acabou por consumir o corpo já fraco do beato, após meses e meses de privações impostas pela guerra e pelo jejum prolongado. Para alguns sertanejos, no entanto, o Beato Conselheiro *anoiteceu e não amanheceu tornou-se encantado*.⁶²

Coincidência, ou não, o fim da vida do peregrino construtor de igrejas e de esperanças para seus seguidores é o início de uma vida diferente para aquela criança que escapou da morte inúmeras vezes durante os combates. Nas suas lembranças de seis, sete anos de idade ficaram marcados os bombardeios intensos, a visão da morte do pai e da mãe, que eram naturais da Bahia e se juntaram ao *Bom Conselheiro* em algum momento da sua jornada de pregações, a separação dos irmãos, fundamentalmente, a brutalidade daqueles dias.

Não há como mensurar a dor, escalonar a violência, o que foi mais ou menos marcante, ainda mais em situação extrema como a guerra. Mas existe aquilo sobre o que é difícil falar, para tomar emprestada a expressão de Michel Pollack, *É a dor do indizível*⁶³, ou seja, a dor que não pode ser expressada em palavras. Neste sentido, um evento em especial sempre comoveu aos interlocutores de Ludgero, já homem feito, quando ele contava os últimos dias no povoado. Não só por sua emoção ao evocar a lembrança, mas pela incredulidade

⁶¹ Idem. Ibidem. p.156.

⁶² Cf. Antônio OLAVO. In. *Sobreviventes*. Direção: Paulo Fontenelle. 200. DVD (106 mim.), som, cor. Documentário.

⁶³ Cf. Michel POLLACK. *L'Expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris: Editions Métailié, 1990. (Collection Leçon de Choses).

que o fato gerava em quem o ouvia. Era a narrativa do momento em que o menino foi jogado no Vaza-Barris junto com outras crianças feridas e doentes. Ludgero sempre dizia que tinha a impressão de que era para morrerem mais rápido. E rememorava vivamente aqueles minutos na água. As crianças que o seguravam, num ato de derradeiro desespero e ele que tentava se desvencilhar para não afundar e conseguir nadar. Por sorte, nadava bem e teve forças para chegar do outro lado, não se sabe se exatamente na outra margem do rio, ou a um trecho mais à frente, e isso pouco importa. Já em outro ponto do leito do rio foi novamente capturado e levado para o acampamento militar onde foi mais tarde entregue a Euclides.

Em seu livro *Descrição de uma viagem a Canudos*, o estudante de medicina Alvim Martins Horcades escreve:

Aproveito o ensejo para lembrar aos geógrafos que de agora em diante denominem Rio seco ao Vaza-barris, porquanto disseram-nos muitos jagunços ser o seu estado normal o encontrado por nós, só conservando água 2 ou 3 dias durante o ano e isso quando havia grandes chuvaradas.⁶⁴

Não se sabe ao certo quando os pais de Ludgero foram mortos, e por conseguinte, quando ele teria sido jogado no rio. O que é certo é que foi entregue a Euclides no dia 22 de setembro, ou seja, durante o cerco final à aldeia, quando o rio encontrava-se seco. Não importa se foi ou não jogado no rio, se o rio era realmente o Vaza-Barris ou algum outro da região, importa que foi assim que ele guardou na memória o que viveu durante o episódio final da guerra. Nas palavras de André Gattaz, *na história de vida, a verdade dos fatos se subordina à verdade do homem, pois é o homem que está em questão*.⁶⁵ E não cabe dúvida de que houve violências de todo tipo contra as crianças do arraial, de assassinatos até violência sexual.

A segunda notícia do destino do jaguncinho está na edição de 22 de outubro de 1897 do jornal *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, que informa o retorno e desembarque de Euclides após quase um mês em Canudos.

⁶⁴ Alvim Martins HORCADES. *Descrição de uma viagem a Canudos* 2ª edição. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996. p. 181.

⁶⁵ André GATTAZ. *A busca da identidade nas histórias de vida*. Disponível em <<http://www.gattaz.pro.br>> acesso em 02.04.09.

Na Estação do norte, o Dr. Euclides era esperado pela redação de *O Estado* e por muitos amigos. Em companhia do Dr. Euclides veio um jaguncinho de sete anos, que ficará sob proteção do Dr. Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal. O jaguncinho não tem pai nem mãe, é muito vivo e narra com precisão admirável todos os episódios sangrentos dos últimos combates nos quais ele perdeu os pais.⁶⁶

O escritor regressou a Salvador quatro dias antes da queda final do arraial, doente, acometido por febre e mal estar. A notícia do jornal informa que vinha acompanhado de um menino sertanejo órfão, um butim de guerra vivo, que aparentava seis para sete anos, vivo, esperto e que descrevia em detalhes precisos os últimos dias de combates sangrentos.

A historiografia, tal como o jornal já o fizera, registrava que o menino tinha sido entregue ao educador paulista Gabriel Prestes de quem adotou o sobrenome. A informação procede, pois Ludgero foi criado por Gabriel, mas sua família contou em entrevista que em um primeiro momento o destino do jaguncinho teria sido a casa de Júlio Mesquita, diretor do Jornal *O Estado de São Paulo*⁶⁷. Não há lembrança de quanto tempo Ludgero passou na casa dos Mesquita ou qualquer comentário mais relevante sobre este período. Ao que tudo indica foi breve a estadia, até que a ida para casa de Gabriel Prestes estivesse acertada.

Naqueles dias, Gabriel Prestes era diretor de Escola Pública, e havia sido o criador de um jornal de propaganda republicana intitulado *O Grito do Povo* e, mais tarde, colaborador do jornal *O Estado de São Paulo*, quando este ainda se chamava *A Província*. A convite de Julio Mesquita ingressou como noticiarista e revisor na redação entre 1888 e 1889, o que significa que Julio Mesquita conhecia Gabriel há pelo menos uma década quando lhe entregou o menino.

Gabriel Prestes, o educador que recebeu o menino Ludgero, nasceu em Palmeiras no Paraná e foi para São Paulo aos dois anos de idade. Morou em Campinas, na capital do estado, em Capivari e em Itapira. Casou-se, ainda bem jovem, com Maria Francisca Soares que passou a se chamar Maria Prestes, segundo os registros, entre 1883 e 1884. Pouco depois, o casal fundou um

⁶⁶ José CALASANS. *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antonio Conselheiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986. p. 93.

⁶⁷ Entrevista gravada com Licínio Lima Prestes em 19.02.08

externato. Em 1885 Gabriel matriculou-se na Escola Normal do Estado de São Paulo, de onde saiu com diploma de professor. Foi eleito deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista em 1891 e passou a defender na tribuna as causas do ensino. Foi autor de uma série de artigos sobre um projeto de lei que visava à reforma da instrução pública e do qual se originou a Lei de 8 de setembro de 1892. Abriu mão de sua cadeira na Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo após um ano de mandato para assumir o cargo de diretor da Escola Caetano de Campos, a escola modelo para a formação de professores no estado de São Paulo, situada na Praça da República, cargo que exerceu entre 1892 e 1897⁶⁸.

Na nova função, Gabriel Prestes implementou o curso complementar de magistério na escola que dirigia e de onde saiu a primeira turma de professores complementaristas do Estado; organizou a revista *Jardim de Infância*, destinada a orientar os professores que atuavam com crianças pequenas; criou o primeiro jardim de infância público do país em 1896 em um anexo da Escola Caetano de Campos, e foi um dos pioneiros da chamada Educação Nova no país. Por discordar da nova regulamentação do ensino, exonerou-se do cargo de diretor da Caetano de Campos e também do Conselho Superior do Ensino do qual era membro. Pelas inúmeras contribuições na área da educação, em 1893 o Grupo Escolar de Lorena recebeu o seu nome, Grupo Escolar Gabriel Prestes, hoje Escola Estadual Gabriel Prestes. Em 1900 abandonou a política depois da dissidência do PRP e iniciou uma promissora carreira no setor financeiro. Foi um dos diretores do Banco União de São Paulo e diretor fiscal do Banco Hipotecário e Agrícola⁶⁹.

É em função da trajetória de professor e educador de seu tutor que o destino de Ludgero se afastou daquele dos outros jaguncinhos que puderam ser localizados ao longo da pesquisa e de tantos outros sobreviventes que não foram localizados. Gabriel era um apaixonado pela educação. Apesar de ter tido outras ocupações durante a vida, pouco antes de morrer, em 1911, declarou a um amigo:

⁶⁸ Cf.< <http://www.crmariocovas.sp.gov.br> >. Acesso em 21.03.08

⁶⁹ Cf.< <http://www.crmariocovas.sp.gov.br> >..Acesso em 02.04.09.

Nunca deixarei de ter saudades da Escola Normal. Vivi identificado com ela tanto tempo e a ela consagrei o melhor da minha vida! Pudessem eu trabalhar sempre com o entusiasmo com que ali trabalhei..⁷⁰

Ludgero seguiu um caminho muito diferente daquele de tantas outras crianças órfãs da guerra. Não foi incorporado como cria da casa, como mão de obra para serviços domésticos. Gabriel Prestes teve a preocupação que o menino estudasse e viabilizou seus estudos. Em um primeiro momento, o menino vindo do sertão recebeu aulas em casa ministradas pelo próprio tutor, até que tivesse condições de ir à escola. Logo depois, foi matriculado na Caetano de Campos. A primeira matrícula, no livro de registro da escola, mostra que ele entrou na escola aos oito anos de idade no que então era a segunda série do ensino primário, ou seja, um ou dois anos após sua chegada em São Paulo o empenho pedagógico de seu tutor e, certamente, a inteligência do menino fizeram dele uma criança que se mostrou capaz de dar um passo gigantesco em matéria de capacidade de adaptação e Ludgero não apenas soube acostumar-se à cidade e a sua nova situação de vida, mas ingressou na escola formal, onde teve um ótimo desempenho. Sempre foi bom aluno, e não se sabe por que, aparentemente, entre 1902 e 1903 não foi matriculado na escola. O registro seguinte é de 1904 e, através dele é possível constatar que Ludgero estava, então, no último ano do primário, que nesta época tinha cinco anos de duração⁷¹.

No ano seguinte Ludgero ingressou no Curso Complementar de formação de professores que havia sido criado por seu tutor. Sua média anual durante o curso varia entre sete e oito, o que indica um bom rendimento⁷². O que os registros escolares nunca permitirão saber é se o adolescente que se formava para ser professor e privava da intimidade doméstica de um dos homens que acreditava ser a escola o principal instrumento de formação de cidadãos e a mais segura arma para a regeneração da pátria ainda guardava viva a lembrança de Canudos.

Seus passos dentro da escola foram sempre acompanhados de perto por Gabriel Prestes. E assim, o rapaz concluiu o curso formando-se professor. Gabriel não tinha filhos e ainda que o menino sertanejo não tenha sido adotado legalmente

⁷⁰ J. Lourenço RODRIGUES. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, (SP), 11 de outubro de 1945.

⁷¹ Acervo Centro de Referência em Educação Mário Covas. *Setor de Documentação Histórica Escolar*.

⁷² Acervo Centro de Referência em Educação Mário Covas. *Setor de Documentação Histórica Escolar*.

e mesmo que, aparentemente, os vínculos afetivos parentais não tenham sido a tônica daquela relação, quando homem feito, as narrativas de Ludgero destacavam sempre a gratidão pelo acesso ao estudo e o entendimento de que recebera uma belíssima educação.

3.2. Uma Escola para a República

O censo de 1872 classificou como alfabetizados apenas cerca de 14% da população brasileira⁷³. A chamada geração de 1870, homens das mais distintas vertentes, cientistas, literatos, intelectuais que pretendiam pensar a identidade brasileira e os caminhos que libertariam o país do passado ibérico, puseram a questão social na ordem do dia. Estes intelectuais discutiram um projeto de Brasil em um momento em que o país passava por transformações políticas e sociais significativas. As crises ameaçavam o Império e a abolição que não tardaria a chegar. A questão prioritária desta geração era formular um diagnóstico do Brasil e um projeto para a nação brasileira que se pretendia construir, a partir de um arcabouço teórico que derivava de diferentes correntes do pensamento, tais como o liberalismo, o positivismo e o evolucionismo. Entendiam a função dos intelectuais como uma ação ordenada a iluminar os caminhos a serem trilhados pela sociedade ou a ilustrar os cidadãos e a República com as ferramentas da ciência e da cultura, tal como sugere Lúcia Lippi Oliveira.

O pensamento dos autores que produziram seus trabalhos entre 1897 e 1914 foi dominado pelo sentido de atualização, de modernização (...) queriam iluminar o país através da ciência e da cultura.⁷⁴

A geração de 1870 não é propriamente um movimento intelectual, mas antes o exercício da cidadania através das letras, da literatura. Os intelectuais encontravam espaços de crítica como os jornais, o teatro e porque não, o universo literário que se voltava para o cotidiano, como a crônica, por exemplo. É um movimento de articulação política. A idéia da transição para o regime republicano trouxe para a vida pública, para a via pública, para os cafés da Rua do Ouvidor ou

⁷³Cf. IBGE Recenseamento do Brasil, 1872.

⁷⁴Lúcia Lippi OLIVEIRA. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p81.

para as livrarias de Recife a idéia da participação ampliada, da opinião pública no centro do debate. O ambiente era de efervescência política, de ridicularização da monarquia identificada com o atraso, de debates acalorados em defesa de uma nova ordem política identificada com o progresso e com as luzes⁷⁵. No entanto, a tão sonhada transformação não se daria da maneira idealizada, pois iria esbarrar nos vínculos políticos que ainda se estruturavam sobre a base dos favores pessoais, do compadrio, da política intervencionista do Estado, uma vez que o país se mantinha alicerçado sobre uma economia de base rural, fundamento do poder das oligarquias.

A primeira década republicana teria se caracterizado pela luta entre pelo menos dois projetos de república: o das oligarquias cafeeiras – federalista, liberal, voltada para o exterior, socialmente excludente e elitista e o jacobino – militarista, radical, nacionalista, mobilizador e antioligárquico⁷⁶.

A geração de 1870 não era homogênea. Assim como, as opiniões e diagnósticos sobre a identidade e os caminhos possíveis para a nação foram múltiplos, mas havia pelo menos um consenso. Um dos caminhos que levaria a um futuro melhor, iluminado pelas luzes da razão, teria que passar pela educação, percebida como a pedra de toque da mudança e a forja do futuro do país. Na virada do século XIX para o século XX foram fundados muitos asilos, orfanatos, sociedades em prol da instrução, instituições definidas pelo culto à ciência. Havia concordância sobre o papel civilizador da escola no projeto de modernização do país, no entanto, uma polêmica dividia os pensadores, a questão da inclusão ou não de todos os brasileiros, de forma igualitária, nos projetos educativos. Para além do consenso sobre o lugar estratégico da escola e da educação nos projetos de futuro para o Brasil, a polêmica girava sobre o modelo de educação e de escola que deveria vigorar.

Na Constituição Imperial, o artigo 179 parágrafo XXXII estabelecia

⁷⁵ Cf. Angela ALONSO. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

⁷⁶ OLIVEIRA. Op. Cit. p 92.

A inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros que tem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade é garantida pela constituição do Império pela maneira seguinte: a instrução primária é gratuita a todos os cidadãos⁷⁷.

Já na Constituição Republicana de 1891, além da adoção do critério de alfabetização como elemento de qualificação de eleitores, ficava estabelecida a competência aos estados da federação na promoção da educação primária. A escola passava a ser livre, gratuita e leiga, mas não mais obrigatória. O Estado não tinha o compromisso legal de criar escolas suficientes para atender à demanda, numa lógica perversa para realidade brasileira que, ao invés de alargar a participação política e o acesso à educação, acabou, na prática, por consolidar as disparidades entre os estados bem como a distância entre a educação da classe dominante e aquela destinada ao povo pobre.

Nas ruas da Capital Federal, a reforma urbana nas primeiras décadas da República vai pretender transformar a cidade em uma espécie de Paris dos trópicos. Euclides da Cunha qualificou as concretizações do progresso nas cidades do litoral, para ele em contraste flagrante com o interior do país, como obra de *copistas*, empenhados em transplantar para os centros urbanos litorâneos uma *civilização de empréstimo* que não fazia senão alargar o fosso já existente entre estes e os *rudes patrícios* dos sertões⁷⁸. Mas a cidade não é só aquela que sonha em ser Paris, há também a mistura caótica nas ruas, os lugares temidos, do temor da desordem e das epidemias. Há todo um universo diametralmente oposto aos ideais da *belle époque* tropical. São os cortiços, o comércio de rua, as maltas de capoeiras, as estalagens, os casebres nos morros, as prostitutas, os malandros. Um universo que o cronista João do Rio⁷⁹ tão bem descreveu.

Os cortiços eram apontados como difusores de pestes eram moradia de 25% da população do centro da cidade. Higienistas apoiados pela opinião pública e pela imprensa dão início a uma campanha para erradicação dos cortiços, mas entra também em jogo uma especulação imobiliária pelos terrenos do centro da cidade. O primeiro grande cortiço a cair foi o cabeça de porco em 1893, um ano antes de

⁷⁷ Afrânio PEIXOTO. *Noções de História da Educação*. Apud Ana Alice FERREIRA. *O Baptismo da Instrução: As expectativas no ensino primário durante o final do Império e no início da República (1870-1900)*. 90 p. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da PUC-Rio, Rio de Janeiro. 1997. p13.

⁷⁸ Euclides da CUNHA. *Os Sertões*. Rio de Janeiro:Ediouro,2003. p 269.

⁷⁹ João do Rio é o pseudônimo do cronista e jornalista Paulo Barreto (1881-1921) que dedicou a escrever sobre as ruas da cidade do Rio de Janeiro, muitas vezes denunciando o que a modernização escondia.

sua demolição ele abrigava cerca de 4 mil pessoas. (...) Alguns trabalhos relacionam o fim do cabeça de porco com a proliferação de barracos nas encostas do morros do centro. O cortiço estava situado logo atrás da pedreira do morro da favela, onde uma das proprietárias do cortiço, Dona Felicidade Perpétua, possuía vários lotes que, sem embaraços negociou com os despejados, dando início à construção dos primeiros barracos na encosta. A ocupação o morro da Favela se expandiu ainda mais em 1897, com o retorno dos soldados ex-combatentes de Canudos que se instalaram no local enquanto aguardavam encaminhamento do exército. Situação semelhante ocorreu no Morro de Santo Antônio (demolido na década de 40) situado atrás do quartel da rua Evaristo da Veiga, quando ali se instalou outro batalhão recém chegado de Canudos com autorização do exército. Enquanto a atenção se voltava para os cortiços as favelas iam crescendo.⁸⁰

Para as teorias evolucionistas da época, a marginalidade e o vício são características herdadas geneticamente, por isso os filhos das classes pobres não ordenadas pelo trabalho já nasciam predispostos ao crime. Daí a importância do controle sobre a população, seja pela via do sanitarismo, seja pela via da coerção policial. É este mesmo pensamento que associa a pobreza ao perigo da vadiagem e da marginalidade e confere ao trabalho a capacidade de moldar o homem moralmente.

Assim, na prática, a proposta educacional que vigorou postulava uma diferenciação entre a escola destinada à população pobre e aquela destinada à boa sociedade. Para o primeiro grupo, a escola era sobretudo o lugar em que o Estado provia a instrução, entendida como a habilitação para o trabalho manual e assalariado, enquanto que ao segundo grupo eram destinadas escolas públicas ou privadas que garantiam sua educação, uma formação humanística e científica que garantisse os instrumentos necessários para o que era visto como a população escolhida por direito de nascimento, relações de compadrio ou por excepcionais qualidades intelectuais. A solução para lidar com os filhos da desordem foi, nos termos da época, salvá-los através de uma escola que lhes fornecesse as habilidades necessárias para o exercício de profissões subalternas e lhes incutisse uma ética positiva do trabalho. Mais uma vez, o fundamento desse projeto educativo era o de que a instrução para o trabalho é a pedagogia apropriada para os pobres. A educação secundária acabou por ficar, majoritariamente, a cargo das instituições privadas e nelas, só as famílias de posse podiam arcar com o custo da

⁸⁰ Jane SANTUCCI. *Cidade Rebelde: As revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro :Casa da Palavra, 2008.p29

educação de seus filhos. Ana Alice Ferreira detecta esse movimento ainda no Estado Imperial escravista:

O baptismo da instrução que objetivava destruir um modo de vida encarado pela elite como incompatível com suas expectativas de modernização do país foi rejeitado pelos homens livres e pobres e pelos ex-escravos. Afinal, eles já eram possuidores de um modelo próprio de saber, iniciado por um outro tipo de baptismo mais de acordo com seu universo – o baptismo de fogo numa malta de capoeiras⁸¹.

A lógica deste pensamento, que se consolidará na escola republicana, está pautada no aprendizado de uma profissão, aliado à instrução básica. A escola reproduzia, assim, as hierarquias e a lógica excludente da sociedade.

Para os juristas e educadores da Primeira República, era inquestionável a premissa de que a falta de uma família estruturada geraria criminosos. A partir desta premissa o Estado tomou para si a responsabilidade pela instrução e pela punição, inclusive, dos menores. O Estado assumiu a responsabilidade sobre órfãos e abandonados e também sobre a vida de menores cujas famílias eram consideradas incapazes. A lógica era a da antecipação, menores pobres criados em ambientes não adequados potencializariam o surgimento de futuros criminosos. Os abandonados ou vadios deveriam ser controlados e ordenados pelo Estado através da internação⁸².

Um exemplo dessa diretriz política foi uma escola cujo nome foi a melhor síntese expressiva do projeto de escola destinada aos filhos da desordem, ao associar a noção de *premonição* à República do quinze de novembro, a Escola Premonitória Quinze de Novembro, que negava discursivamente seu caráter punitivo e se pretendia um espaço de prevenção, através da formação de mão de obra minimamente qualificada⁸³. Segundo Adriana Vianna, a *escolha do termo premonitória evoca justamente um caráter de prevenção, como se a essa instituição coubesse sustar e modificar um perigo pressentido*⁸⁴. O objetivo era que a criança pobre não se desviasse do caminho que podia fazer dela um homem de bem – e esse caminho era o trabalho. Por isso Irene Rizzini afirma que *é na*

⁸¹ Ana Alice FERREIRA. Op.Cit .1997. p 40.

⁸² Cf. Adriana VIANNA. *O mal que se adivinha. Polícia e minoridade no Rio de Janeiro 1910-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

⁸³ Cf. Idem. Ibidem.

⁸⁴ Idem. Ibidem p.63.

*criança filha da pobreza, reprodutora do vício e da imoralidade que a ação pública concentraria seus esforços.*⁸⁵

O país tinha que civilizar seu futuro, e este futuro era a criança⁸⁶. A criança pobre assumia, portanto, uma imagem ambígua naquele período já que, por um lado, era a promessa de um futuro que asseguraria ao Brasil um lugar junto aos países associados ao progresso e às luzes, e, por outro, aparecia no discurso cientificista como aquela que nascia marcada pela tendência ao erro. Dentro deste quadro, a escola, mesmo quando disponível, muitas vezes era vazia de significação para grande parte da população, ou seja, para os desvalidos e marginalizados.

Neste cenário de debates, disputas e diferentes projetos para a educação o sistema de ensino público de São Paulo após a reforma de Caetano de Campos em 1893 assumiu um papel de referência para o país como um todo.

(...) a implantação da Escola-Modelo na cidade de São Paulo assume uma importância central, constituindo-se um espaço de observação das práticas escolares que deveriam ser incorporadas pelos futuros mestres nas inúmeras escolas do Estado. Um aspecto extremamente valorizado neste projeto foi o da visibilidade (...) pelo conjunto arquitetônico constituído pela Escola Normal Caetano de Campos e pela Escola-Modelo, devido à sua monumentalidade e à sua localização, no espaço simbólico da praça da República, no centro da capital do Estado.⁸⁷

Engajado nesse projeto modelar de reforma da educação, Gabriel Prestes nele mergulhou quando abriu mão de seu mandato no Legislativo do Estado de São Paulo para assumir a direção da Caetano de Campos. A Caetano de Campos caracterizava-se por ser uma escola de prédios monumentais; de trabalho escolar seriado; de divisão e hierarquização das funções dos profissionais envolvidos no cotidiano escolar; de preocupação com o papel da escola na formação do caráter de difusão de mensagens cívicas e moralizantes⁸⁸, e é nela que o menino Ludgero foi matriculado, educado e forjado. Não foi só o acesso à escola, que por si só já constituiu um enorme diferencial na trajetória de vida desse menino de Canudos,

⁸⁵ Irene RIZZINI. *O século perdido*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1997.p 174.

⁸⁶ Cf. Idem. *Ibidem*.

⁸⁷ Alessandra Frota Martinez de SCHUELER; Ana Maria Bandeira de Mello MAGALDI. *Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Disponível em <[http://www. Scielo. br](http://www.Scielo.br)>. Acesso em 03 de 2010.

⁸⁸ Cf. <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br>> Acesso em 02.04.09.

mas, muito mais do que isso, foi a experiência de uma escola que seguia o modelo escolar paulista, parâmetro para escola pública republicana. Para os homens da Primeira República, era a marcha linear e contínua em direção à civilização a que podia e devia saldar o atraso atávico do país e, alimentado por essa convicção, Gabriel Prestes certamente veria nos triunfos escolares de Ludgero a comprovação empírica dessa convicção. Na Escola Caetano de Campos a república criou um dos monumentos ao projeto que fazia da escola um dos alicerces de seu projeto de futuro e, por isso mesmo, um de seus *lugares de memória*, na concepção criada por Pierre Nora⁸⁹.

3.3. O professor Ludgero Prestes

Depois de formado, o jovem professor Ludgero foi para o interior de São Paulo. Um ano depois de sua formatura, Gabriel Prestes morreu na capital e foi enterrado no cemitério da Consolação. Sua esposa, Maria Prestes, viveu por mais vinte e cinco anos. No entanto, é possível arriscar a hipótese de que o afeto não fosse o mote da relação de Ludgero com os Prestes porque após a morte de Gabriel, a relação do jovem professor com a família Prestes foi pequena, se é que chegou a existir. Os netos de Ludgero não têm recordação de que esta relação tenha sido mantida, e na entrevista feita com seus descendentes, a esposa de Gabriel não chegou a ser citada⁹⁰.

Ludgero não foi adotado legalmente, apesar de usar o sobrenome Prestes por toda a vida e de tê-lo legado aos seus descendentes. O único documento existente sobre a tutela assumida pelo educador paulista sobre o menino de Canudos é um Termo de Guarda lavrado no quinto Tabelião de Notas de São Paulo em vinte e sete de dezembro de 1904 onde está escrito:

⁸⁹ Cf. NORA. Op. Cit. *Lugar de memória* é uma noção criada por Pierre Nora. Os *lugares de memória* são lugares em uma tríplice acepção: são *lugares materiais* onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são *lugares funcionais* porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são *lugares simbólicos* onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade – se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Cf. Margarida de Souza NEVES. Lugares de Memória da Medicina no Brasil. Disponível em <<http://www.historiaecultura.pro.br>> Acesso em 10 .04.2011.

⁹⁰ Licínio Lima Prestes Entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08

Nós abaixo assinados declaramos conhecer o menor Ludgero Prestes, natural do Estado da Bahia, protegido do Sr. Gabriel Prestes em cuja companhia reside pelo que podemos afirmar ter ele de treze para quatorze anos de idade⁹¹.

O inventário de Gabriel Prestes datado de 24 de novembro de 1911 e arquivado no Tribunal de Justiça de São Paulo declara que Gabriel não deixou descendentes e que suas herdeiras foram sua mulher Maria Prestes e Dona Josephina Prestes Branco, sua mãe⁹².

Emblemático e merecedor de reflexão é o fato de que, livre das *mãos dos bárbaros*, uma expressão corrente na imprensa da época para aludir aos seguidores do Conselheiro, quando teve início o seu processo de inserção no mundo considerado como civilizado ao ser matriculado na escola, Ludgero ganhou uma data de aniversário –o 15 de novembro⁹³. Não há como saber se esta é a data real de seu nascimento, mas a coincidência parece excessiva e, - ao menos aparentemente, foi mais significativo que esta tenha sido esta a data escolhida para a conquista do butim simbólico de guerra que era o menino jagunço naquele momento. A data escolhida para marcar seu novo nascimento, registrava que ele nascia para uma nova vida entre os civilizados no dia da proclamação da República.

Os Livros de Registro da Escola Caetano de Campos, no espaço destinado à filiação, mencionam sempre Gabriel Prestes na qualidade de tutor. No entanto, no último ano do curso de formação como professor primário, o registro já não traz mais o nome de Gabriel Prestes e, pela primeira vez, o nome de João Luiz, o pai biológico de Ludgero aparece registrado⁹⁴.

Os nomes dos pais que nunca mais vira depois que saíra de Canudos pelas mãos de Euclides voltaram a aparecer na certidão de casamento de Ludgero, que assinalava ser o noivo filho de *João e Maria Luiz*⁹⁵. A falta de sobrenome, ou melhor, um sobrenome que é o segundo nome próprio do pai, provavelmente se devia à memória que Ludgero adulto tinha de quando era um menino de seis anos

⁹¹. Registro no 5º Tabelião de Notas de São Paulo. Termo de Guarda de dezembro de 1904.

⁹² Inventário de Gabriel Prestes de Novembro de 1911. Registrado no 8º ofício do Tribunal de Justiça de São Paulo.

⁹³ Acervo do Centro de Referência em Educação Mário Covas. *Setor de Documentação Histórica Escolar*.

⁹⁴ Idem. Ibidem.

⁹⁵ Certidão de Casamento de Ludgero Prestes e Beatriz da Cunha Lima de 19.10.1911. Registro Civil das Pessoas Naturais de Serra Negra- SP.

de idade no arraial de Canudos ouvia seu pai ser chamado de João Luiz e a mãe ser identificada com a Maria do Luiz, formulação muito peculiar, mas comum no interior do país. No registro de seu diploma aparecia novamente o nome de João Luiz como seu pai e o lugar de origem do formando claramente assinalado era *Canudos-Bahia*⁹⁶.

Em 1908 o rapaz sertanejo formou-se professor e escreveu a Euclides da Cunha para contar a novidade. A carta, ao que parece se perdeu, mas está conservada e publicada a resposta do escritor à carta recebida:

Ludgero Prestes, Recebi a sua prezada carta de 3 do corrente; li-a com surpresa indescritível, verdadeiramente encantado; e não poderei traduzir-te a minha comoção ao ver aparecer-me quase homem - e homem na mais digna significação da palavra - o pobre jaguncinho que me apareceu pela primeira vez há onze anos no final de uma batalha. Mas na mesma ocasião associei-te à recordação de um amigo a quem deves muito mais do que a mim. O que fiz foi, na verdade, muito pouco: - o trabalho material de livrar-te das mãos dos bárbaros e conduzir-te a São Paulo. A minha ação verdadeiramente única foi confiar-te a Gabriel Prestes. A ele, sim, deves a tua maior e incalculável gratidão. Quero que me estendas sempre a tua mão de amigo - mas a Gabriel Prestes deves devotar, incondicionalmente, todo o seu coração. Ao lado de sua fotografia veio a tua carta e nesta vi refletir um espírito capaz de grande desenvolvimento. O modesto professor complementar de agora - iniciado, como foi, na vida, por um mestre daquele porte, há de subir mais alto. Mas ainda que isto não aconteça, a tua posição atual já é um triunfo. Continua, portanto, na trilha que te apontou um dos mais belos caracteres que conheço e sempre que pudeses manda notícias tuas a quem também se preza de ser teu amigo muito afetuoso.

Euclides da Cunha⁹⁷.

Logo depois da troca de correspondência, no domingo dia 15 de agosto de 1909, dia de Nossa Senhora da Glória, Euclides viria a ter um fim trágico, assassinado pelo jovem amante de sua mulher no episódio que ficou conhecido como a tragédia da Piedade.

Depois de formado professor Ludgero seguiu para Serra Negra para assumir o cargo de professor adjunto no Grupo Escolar daquela cidade. Serra Negra era uma pequena cidade no interior de São Paulo, no alto da serra, a 1300 metros de altitude. Ficava então em território de plantio de café em grande escala, com forte influência dos imigrantes italianos que ali chegaram a partir de 1880 para trabalhar nas lavouras. A região, próxima a cidade de Campinas, era parte do

⁹⁶ Idem . Ibidem.

⁹⁷ CALASANS Op. Cit.1986. p. 94.

Oeste Paulista que apostou na substituição da mão de obra escrava pelo trabalho do imigrante europeu. A escolha estava balizada, além de por razões de ordem financeira, por convicções assentadas em teorias científicas e raciais da época que postulavam que a construção da nacionalidade brasileira pressupunha uma população majoritariamente branca. Os fazendeiros do local, ao que parece, se anteciparam aos acontecimentos políticos. Segundo consta da memória de Serra Negra, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea a cidade já não contava com nenhum escravo.

Em março de 1892 foi inaugurada a estrada de ferro que não só transportava as sacas de café, mas também os passageiros que faziam o trajeto até Campinas ou até a cidade de São Paulo. O ramal só viria a ser desativado em 1956. O grupo escolar onde Ludgero foi trabalhar havia sido criado em 1901 e funcionava, de início, em um prédio pertencente à Câmara Municipal. Sua sede própria só ficaria pronta em 1914⁹⁸.

Em janeiro de 1910, a igualmente recém-formada professora Beatriz da Cunha Lima ingressou como *complementarista* no mesmo Grupo Escolar de Serra Negra. Beatriz havia se formado professora na Escola Carlos Gomes, em Campinas. Era filha de Frederico Lima, um fazendeiro da cidade de Amparo, e de Maria Amália Cunha Lima⁹⁹. Naquela época ainda não era exatamente comum uma moça ir estudar fora, mas seu pai permitiu que ela fosse para Campinas na companhia de uma ama, o que denota que a família tinha posses.

Terminados os estudos, Beatriz ingressou em seu primeiro emprego no Grupo Escolar de Serra Negra. Lá conheceu Ludgero e, um ano depois, em dezembro de 1911, os dois estavam casados. Em novembro de 1912 nasceu Gabriel Leonardo Lima Prestes, o primeiro filho do casal, que teve três meninos e uma menina, batizado com o nome do tutor de seu pai¹⁰⁰.

O casal era atuante e preocupado com os rumos da educação no país. Em 11 de junho de 1912 ambos assinaram, juntamente com outros professores, um

⁹⁸ Cf. <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br>> Acesso em 02.04.09.

⁹⁹ Há informações da família no sentido de que Beatriz seria prima-irmã de Campos Salles pelo lado da mãe, mas não foi possível confirmar a veracidade desta informação na documentação encontrada.

¹⁰⁰ *Licínio Lima Prestes* entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08

abaixo-assinado que encaminhava uma representação dirigida ao Exmo. Sr. Dr. Secretário do Interior pelos professores públicos do Estado de São Paulo que pediam reformas no ensino da língua portuguesa. Os professores, no documento, reivindicavam uma língua portuguesa única, livre de estrangeirismos e mencionavam a necessidade de trabalhar com seus alunos uma língua brasileira uniforme, harmônica, e que respeitasse as bases da ortografia portuguesa. O documento encerrava-se por justificar o apelo com o seguinte argumento: *a fim de que daqui a alguns anos se possa dizer – há uma língua nacional, há um povo brasileiro*¹⁰¹.

Quando teve lugar a revolução de 1932 em São Paulo, o casal Ludgero e Beatriz, como tantos outros paulistas, doou as alianças de casamento para a Campanha do Ouro por São Paulo e, como os demais doadores, recebeu em troca anéis de ferro com a inscrição *dei ouro pelo bem de São Paulo*. O casal contava que o professorado paulista aderiu à revolução e as escolas transformaram-se em hospitais, postos de assistência e até em oficinas de costura. Para Ludgero e Beatriz o apoio tinha valido a pena, porque apesar do fracasso militar da Revolução, o seu fruto foi a Constituição de 1934, que entre outros artigos, estabeleceu o ensino primário gratuito e obrigatório, um primeiro passo para a inclusão social através do sistema público de ensino no país¹⁰². Esta declaração permite ver que o próprio Ludgero considerava a escola como uma das mediações de inclusão social, mediação esta que em sua história de vida, foi a que possibilitou a metamorfose, para o bem e para o mal, do menino de Canudos no professor de São Paulo, convicto dos valores da ordem republicana e formador de futuros cidadãos da República.

Após os anos de magistério em Serra Negra o casal seguiu para o Grupo Escolar de Bebedouro, onde Ludgero assumiu as funções de diretor interino conforme informa o Diário Oficial do Estado de São Paulo:

¹⁰¹ Representação dirigida ao Exmo. Sr. Dr. Secretário do Interior pelos Professores Públicos do Estado de São Paulo em 11.06.1912. Acervo Arquivo Público do Estado de São Paulo.

¹⁰² Licínio Lima Prestes entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08

O Presidente do Estado resolve nomear o prof. Ludgero Prestes adjunto do Grupo Escolar de Serra Negra para exercer o cargo de diretor interino do Grupo Escolar de Bebedouro. Palácio do Governo de São Paulo aos 7 de abril de mil novecentos e treze (...) Por decreto de 7 de abril de 1913 registrado a fls 19 [sic] do livro competente nº 3. Secretaria do Interior.¹⁰³

A previsão de Euclides se concretizou, e o modesto professor complementar chegou a ser diretor de Grupo Escolar. A trajetória de Ludgero, de certa forma cria embaraços para as teorias científicas da época. Euclides da Cunha, como muitos dos seus contemporâneos, via na mestiçagem o sinal negativo da degenerescência. Ludgero, o mestiço filho de jagunços, tornou-se educador e diretor de grupo escolar. As teorias que afirmavam a inferioridade dos mestiços não permitiam explicar o caminho trilhado por este antigo jaguncinho.

Bebedouro foi criada à beira de um córrego conhecido como Bebedor, cuja água era utilizada por tropeiros e animais nas travessias pelos caminhos do interior. O povoado recebeu o nome de São Sebastião do Bebedor, que virou apenas Bebedor e finalmente Bebedouro. Transformou-se em cidade em de março de 1889. No final do século XIX a cidade já contava com lavouras de café, que se tornariam a maior riqueza do município. Com a crise de 1929, as lavouras foram abandonadas e a terra do café se transformou na terra da laranja. Nos dias de hoje, Bebedouro se intitula a Capital Nacional da Laranja.

Quando Ludgero foi transferido para Bebedouro, encontrou uma cidade rica que vivia do café. O prédio do Grupo Escolar projetado em 1910 por José Van Humbeeck¹⁰⁴, arquiteto responsável por projetos de pelo menos mais sete grupos escolares no interior de São Paulo, segue o parâmetro paulista de edifícios-monumento. Situado na praça central da cidade, sua planta respeita a rígida divisão entre as alas das meninas e dos meninos e prevê um lugar central no topo do prédio para o mastro que permitia hastear a bandeira. A escola fez cem anos em 2010 e hoje se chama Escola Estadual Abílio Manoel, e conservou o prédio original com poucas alterações (figura 3).

A escola era regularmente inspecionada e na primeira dessas inspeções, em julho de 1913, consta do relatório que *a disciplina, o asseio e a ordem são*

¹⁰³ Livro de Registro do Grupo Escolar de Bebedouro.f.1. 16 abr.1913.

¹⁰⁴ Acervo Centro de Referência em Educação Mário Covas. Setor de Documentação Histórica Escolar.

*excelentes, que os professores são unidos e operosos e o diretor bem orientado. O Relatório do inspetor também registra que as classes funcionam bem e são bem orientadas, sem esquecer de assinalar que a frequência é bastante satisfatória. Um dos inspetores chega a afirmar que poderia garantir que dali há muito pouco tempo o estabelecimento poderia chegar a ser avaliado como um dos melhores do Estado*¹⁰⁵. Nos Relatórios de Inspeção relativos aos momentos em que Ludgero não está à frente da direção da escola por motivo de licença médica, há uma diferença na avaliação expressa nos Relatórios. Segundo os inspetores, *o estabelecimento está acéfalo, há falta de uniformidade no ensino e a leitura nos primeiros anos não está sendo bem processada e ainda prejuízo da disciplina, da higiene e do próprio ensino*¹⁰⁶. Ludgero, ao que parece, era um homem rígido, disciplinado, e levou consigo os princípios que recebera de Gabriel e da Escola Normal da Praça da República em São Paulo.

Ludgero permaneceu pouco tempo, apesar de seu bom desempenho, à frente do Grupo Escolar de Bebedouro, e exerceu o cargo de abril de 1913 a agosto de 1914, quando foi transferido para a cidade de Amparo, também no interior do Estado de São Paulo.

Amparo já era um povoado no final do século 18, formado no cruzamento entre dois caminhos, um que da região de Campinas dirigia-se ao Sul de Minas, outro que, de Atibaia, dirigia-se a Moji Mirim e Moji Guassú. Nos primeiros anos do século XIX havia ali, às margens do rio, uma pequena capela em homenagem a Nossa Senhora do Amparo, daí a origem do nome do povoado. Devido às cheias do rio, a capela foi demolida e outra erigida em uma colina. Em 1829 a capelinha é elevada a Capela Curada, em 1857 o povoado foi elevado à vila e, em 1865, à cidade. No século XIX as lavouras de café se instauraram na região.

Ludgero morreu em Amparo em 13 de outubro de 1934, com quarenta e três anos de idade, de câncer de fígado¹⁰⁷. No entanto, a hipótese mais provável é que ele tenha morado mais de uma vez na cidade, pois há fortes indícios de que ele passou ainda por outras localidades do interior do Estado como Bocaína,

¹⁰⁵ Cf. Relatórios de Inspeção do Grupo Escolar de Bebedouro de Junho de 1913 .

¹⁰⁶ Cf. Relatórios de Inspeção do Grupo Escolar de Bebedouro de março de 1914

¹⁰⁷ Certidão de Óbito de Ludgero Prestes de 13.10.1934. Registro Civil das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas da Sede – Comarca de Amparo – SP.

Olympía, e Ribeirão Preto. Uma possibilidade é que ele tenha voltado à cidade por ocasião da doença, já que era de onde se originava a família e sua mulher.

No grupo escolar de Bocaína nenhum documento da época foi preservado. Existe apenas um relato de um antigo prefeito da cidade o Sr. Xerxes Bartelotti, que listou todos os diretores que passaram pelo Grupo Escolar. Neste relato há referências a um antigo diretor de feições indígenas, Ludgero Prestes, que foi diretor do Grupo Escolar em 1920¹⁰⁸. O Sr. Xerxes não especificou nas suas lembranças quanto tempo Ludgero teria exercido o cargo, ainda que não omita a alusão às *feições indígenas* do professor. O Grupo Escolar ainda existe nos dias de hoje com o nome de EMEF Deputado Leônidas Pacheco Ferreira, a diretora atual informou que uma de suas antecessoras mandou queimar os documentos antigos por não enxergar neles *nenhuma utilidade a não ser ocupar espaço nos arquivos*¹⁰⁹. O prédio, inaugurado em 1913 segue as mesmas linhas majestosas do Grupo Escolar de Bebedouro, até por ter sido projetado pelo mesmo arquiteto.

Já sobre a passagem de Ludgero por Olympia e por Ribeirão Preto não foi possível encontrar nenhuma outra referência a não ser o relato da família¹¹⁰. Também não foi possível precisar a ordem e o tempo que passou em cada uma das cidades em que esteve após a saída de Bebedouro. Em Ribeirão Preto, Ludgero fez parte de uma roda de intelectuais e chegou também a publicar textos e versos de sua autoria no periódico local¹¹¹. Em 1958, muitos anos após a morte de Ludgero, seu neto Licínio encontrou na cidade um Monsenhor de nome Loreano que lhe contou ter conhecido seu avô como diretor de escola e que ele efetivamente frequentava a roda de intelectuais da cidade¹¹².

Pelos relatos da família, Ludgero foi um grande leitor, tinha o hábito de escrever poesias, e seus poemas estavam guardados com sua mulher, Beatriz, mas com a morte dela toda esta documentação se perdeu¹¹³. Foi profundo admirador de Rui Barbosa e guardava com carinho a primeira edição da *Oração aos Moços*, discurso proferido por Rui Barbosa como paraninfo da turma de 1920 da

¹⁰⁸ Acervo do Grupo Escolar de Bocaína. Documentação Histórica.

¹⁰⁹ *Sônia Maria Carazzato* entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bocaína- SP em 27.02.08.

¹¹⁰ *Licínio Lima Prestes* entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08.

¹¹¹ Idem.Ibidem. Não foi possível localizar o periódico.

¹¹² Idem.Ibidem.

¹¹³ Idem.Ibidem.

faculdade de Direito do Largo de São Francisco. O tema principal do discurso é a ética profissional, nele Rui Barbosa faz um balanço de sua trajetória como advogado e homem público e busca transmitir alguns valores como a justiça e o apreço à legalidade àqueles que começavam suas vidas profissionais. Rui Barbosa, como é sabido, foi uma das poucas vozes a criticar duramente a intervenção militar em Canudos e em um rascunho de um discurso que faria no senado, chegou a escrever: *Canudos arrasou-se, mas não é no arrasamento de Canudos que acha o maior proveito moral. Suprimistes uma colônia de miseráveis, mas não tocastes na miséria que a produziu*¹¹⁴.

Depois da morte do marido, Beatriz mudou-se com os filhos para a cidade de São Paulo e a família morou na Bela Vista e na Barra Funda. O filho mais velho, Gabriel, tinha, nessa ocasião, 22 anos. Os gêmeos José e Frederico, nascidos em Bebedouro, tinham 21 anos de idade e a filha mais nova, Antonieta, tinha 18 anos de idade. Beatriz continuou a trabalhar como professora e lutou com dificuldades para manter a família sozinha. Enfrentou a morte da filha, três anos após ter perdido o marido, e permanece na memória familiar como uma mulher de coragem e de iniciativa. Os netos lembram-se da avó com carinho e muita admiração, em função dos percalços pelos quais passou sem se deixar abater, de como enfrentou as adversidades e encaminhou todos os filhos. Quando os filhos se situaram na vida, Beatriz acompanhou Gabriel, que trabalhou como fiscal do imposto de renda até 1950, quando se aposentou, comprou uma casa em Campinas e levou a mãe para morar com ele. Beatriz faleceu em 1968, em Campinas¹¹⁵.

Dos quatro filhos de Ludgero e Beatriz, Gabriel Leonardo, José Luiz, Frederico e Maria Antonieta, somente Gabriel deixou descendentes. O filho mais velho de Ludgero e Beatriz foi pai de três filhos, Licínio, Beatriz e Maria Regina. Frederico nunca se casou, José Luiz adotou uma criança e Maria Antonieta morreu muito nova, um capítulo trágico com contornos de romance de época, que relata a história de uma moça linda que aos 18 anos estava noiva de um estudante de medicina, mas não teve tempo de casar, pois morreu do coração de forma

¹¹⁴ Trecho de um rascunho de discurso de Rui Barbosa. Disponível em <<http://www.portfolium.com.br>>. Acesso em 02.04.2009.

¹¹⁵ Licínio Lima Prestes entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08

súbita e completamente inesperada. O noivo formou-se como médico, mas jamais se casou. Ludgero e Beatriz tiveram, portanto, quatro filhos, três netos e oito bisnetos¹¹⁶.

A morte prematura de Ludgero aos 43 anos de idade atenuou as memórias que seus descendentes guardam, hoje, dele. A família do antigo menino de Canudos, como a de tantos sobreviventes de guerra, relata acontecimentos que eles não viveram pessoalmente, mas que tantas vezes ouviram de seus pais, avós ou tios. Estes acontecimentos, pessoas e lugares estão situados fora do espaço-tempo de vida daquele indivíduo que conta uma história familiar, mas são elementos de identificação e pertencimento. Ouvir seus relatos é fazer a experiência da força daqueles que Paul Ricoeur denominou de *próximos*¹¹⁷ na construção da memória individual e familiar, mediações tais como a igreja, a família, a escola ou outras comunidades de referência que soldam a identidade do eu individual a um coletivo abstrato, e tornam possível a intermediação entre a memória individual as memórias coletivas. Em última instância, é um lembrar construído a partir de memórias *alheias*. *Nas palavras* de Beatriz Sarlo, *a lembrança em abismo: lembro que meu pai lembrava*¹¹⁸.

Os netos de Ludgero não conviveram com o avô. As lembranças dele foram transmitidas pela avó, pelos tios ou pelo pai. É a memória da terceira geração da família. O único indício da existência de Ludgero nos registros familiares, para além da narrativa passada de geração a geração, é uma única foto, justamente aquela que ele mandou para Euclides da Cunha, junto com a carta em que dava notícia de sua formatura como professor primário na Escola Caetano de Campos. As cartas, as poesias, os documentos civis e tudo o mais se perdeu no tempo.

Da família hoje, a única pessoa que conviveu com Ludgero foi sua nora, a mulher de Gabriel, Maria Aparecida Santos Prestes que mora com a filha Maria Regina, em Jaú. Dona Maria Aparecida foi muito gentil diante das insistentes buscas por respostas, por ordem cronológica, e outras perguntas próprias de

¹¹⁶ Maria Regina Prestes entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Jaú - SP em 20.02.08

¹¹⁷ Cf. Paul RICOEUR. *História, Memória e Esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2008.

¹¹⁸ Beatriz SARLO. *Tempo passado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 90.

historiadores, mas as lembranças já são escassas nas suas memórias dos longínquos tempos idos.

Paul Ricouer chama a memória de *pequeno milagre*. Lembrar é o momento que o passado irrompe no presente, mas é sempre uma reconstrução do passado no momento presente. Maria Aparecida confirmou que conheceu Ludgero, repete que o sogro *era um homem bom, muito bom, mas severo*. Ludgero pouco apareceu no relato feito por ela, já que para ela o sogro amante dos livros era alguém distante do universo dela, dos afazeres da casa, das costuras, dos vestidos, da cozinha, como era comum aos homens da época. Segredou que adorava ajudar a sogra na cozinha, que no mais das vezes tomava para si a função de lavar e cozinhar para que Beatriz pudesse dar aulas com mais tranquilidade. Redesenhou no ar as conversas com a sogra à beira do fogão e afirmou mais de uma vez que as duas eram muito ligadas. Tinha muita admiração pelos sogros que a acolheram como filha, recordou-se de como a vida melhorou após o casamento, contou que seus pais não tinham recursos e que só depois de casada com Gabriel pode se dar a pequenos luxos, como ter vestidos novos e ir tomar sorvete à tarde depois de um passeio nas tardes de domingo. Maria Aparecida referiu-se ao marido o tempo todo como *seu Gabriel*, em um misto de respeito, carinho e certa submissão¹¹⁹. Nos relatos familiares de hoje, a presença da lembrança de Beatriz parece mais forte do que a de Ludgero, e o vago perfil que permaneceu dele na memória familiar, o professor e homem de letras aparece com muito mais força que o menino sobrevivente de Canudos.

Ludgero parece ter enfrentado muitos problemas de saúde, já que afastou-se da direção da Escola de Bebedouro várias vezes através de licenças para tratamentos médicos¹²⁰. A saúde fraca e a não violência seriam reflexos dos dias da infância em Bello Monte? Não há como afirmar com precisão, mas essas são marcas presentes no relato memorialístico da família. Nele, o que se destaca é que Ludgero levou uma vida simples, sem luxos, sem regalias e não deixou bens materiais, mas seus descendentes afirmam ter recebido como herança de Ludgero e de Beatriz uma vida pautada pela correção, pela não violência, pela dedicação à profissão, pela valorização da escola e da educação, além do gosto pelas letras,

¹¹⁹ Maria Aparecida Santos Prestes entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Jaú - SP em 20.02.08

¹²⁰ Relatórios de Inspeção do Grupo Escolar de Bebedouro de março de 1914

pelos seus livros, pelo escrever que nunca chegou a ser seu ofício, mas um prazer sempre cultivado. Ludgero aparentemente não manteve vínculos afetivos com a família de seu tutor. Criou a partir do casamento seu núcleo familiar onde estes vínculos se estabeleceram¹²¹.

São muitas as lacunas que não podem mais ser preenchidas na história de vida deste jaguncinho que se tornou professor e diretor de escola. A impressão é que o desenraizamento, a (des)construção da memória do que havia vivido em Canudos, no caso de Ludgero, não foram efetivos, se é que poderiam sê-lo. No diploma da escola, na certidão de casamento, na certidão de nascimento dos filhos, ou seja, em todos os documentos oficiais da República Federativa do Brasil que balizam a vida de Ludgero consta o nome de seus pais, João Luiz e Maria Luiz, naturais do Estado da Bahia, e o local de seu nascimento aparece, em um deles, em letras maiúsculas – CANUDOS. Para a mulher Beatriz contava os momentos de aflição dos bombardeios, do quase afogamento nas águas do Vaza-Barris. Para a família da mulher contou sem receios a sua origem canudense¹²².

Já homem feito, empreendeu uma busca difícil por seus irmãos, filhos de seus pais biológicos, um homem e uma mulher que, como ele, foram entregues aos soldados no final da guerra. Achou não se sabe como os irmãos em Goiás e passou a corresponder-se com eles¹²³. A família não guardou essas cartas, nem os nomes dos irmãos e não sabe ao certo se eles chegaram um dia a se reencontrar. Estes indícios permitem afirmar com alguma margem de certeza que, mesmo levado para São Paulo, desterrado da aldeia sagrada de Antônio Conselheiro no meio do sertão baiano, o professor que um dia foi o menino Ludgero não esqueceu sua origem. De alguma forma sua origem e o sertão do Conselheiro estiveram sempre presentes em sua trajetória.

Ao mesmo tempo, a influência dos valores dominantes de sua época também pautou seus passos. Seu primeiro filho chamou-se Gabriel como seu tutor, e é significativo o fato de ter se correspondido com Euclides e agradecer a ele o fato de ter se formado professor em pelo menos uma carta. Segundo narrou a neta Maria Regina, Beatriz seria prima-irmã de Campos Salles, por parte de

¹²¹ *Licínio Lima Prestes* entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08

¹²² *Idem. Ibidem.*

¹²³ *Idem. Ibidem.*

mãe¹²⁴. Se o parentesco for verídico é significativo que um menino sobrevivente de Canudos tenha entrando para a família do futuro presidente da república, e justamente daquele que foi o grande arquiteto da República Oligárquica. Seu ordenamento pela pauta dos valores republicanos teria se dado, nesse caso, não só pela via da escola, mas também seria confirmado por suas relações familiares. Mas, sobretudo, o fato confirmaria os caminhos sempre surpreendentes da história.

Na escola, tanto naquela em que estudou como nas que ensinou e dirigiu, seu enquadramento na ordem é atestado por suas boas notas e, posteriormente, pelos constantes elogios nos relatórios dos inspetores escolares. O jovem senhor de terno escuro que aparece na fotografia feita no pátio do Grupo Escolar de Bebedouro (figura3) dificilmente faz pensar que, um dia, o diretor de escola fora um seguidor do Conselheiro, e as crianças bem vestidas e perfeitamente alinhadas que o cercam na foto em nada lembram a imagem feita por Flávio de Barros das crianças que, como Ludgero-menino, sobreviveram aos horrores da guerra de Canudos. São duas realidades tão díspares que é difícil acreditar que este diretor de escola e o menino sertanejo doente doado a Euclides sejam a mesma pessoa. Ludgero foi um homem de dois mundos, mas não entre dois mundos, um menino que transpôs – ou foi levado a transpor - a fronteira de duas realidades simétricas e opostas, e que se transformou no professor, diretor de escola e intelectual de província. Nunca saberemos como Ludgero filho de Luiz e de Maria transmutado em Ludgero Prestes viveu, dentro de si, o confronto entre os dois Brasis que Euclides da Cunha afirmou tornar

(...) mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos.¹²⁵

Sabemos, isso sim, que afirmou seu passado em seus documentos oficiais e que a memória de sua família guarda a lembrança de conversas suas sobre Canudos, sobre a guerra e sobre sua saga pessoal.

¹²⁴ *Maria Regina Prestes* entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Jaú - SP em 20.02.08

¹²⁵ Euclides da CUNHA. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p 270.

Ludgero tornou-se diretor de escola, ou seja, ele mesmo tornou-se um agente da mediação ordenadora da República, a saber, a escola que o havia ordenado ao transformar o jaguncinho que fora, nos termos de Euclides da Cunha, *tirado das mãos dos bárbaros*¹²⁶ e transformado pelas luzes da civilização. Em última análise Ludgero expressa o projeto educativo de seu tutor. Nunca quis voltar a Canudos ou à Bahia e, segundo seus familiares, dizia¹²⁷ que não gostaria de fazê-lo, mas procurou e localizou seus irmãos de sangue. De alguma maneira Ludgero conciliou em si o sertão e a República. Como escreveu Euclides em seu esforço para entender o homem o sertão, o sertanejo é um *Hércules-Quasímodo*¹²⁸, ou seja, uma inusitada junção de opostos que acaba por criar uma realidade nova, um outro caminho o que transforma em algo original e único, que não necessariamente se enquadra em nossas tentativas de explicação.

A vida de Ludgero Prestes é um caso em meio aos casos de centenas de crianças sobreviventes da guerra de Canudos, cujas vidas jamais serão retraçadas. Mesmo que a tentativa de recompor sua biografia seja lacunar e fragmentada ela é significativa pela carga simbólica que reveste sua trajetória pessoal e pelos insólitos cruzamentos da história de vida do jaguncinho que virou professor com intelectuais do calibre de Euclides da Cunha, com homens que pensaram a regeneração do país pela via da educação e da escola como Gabriel Prestes, e com uma Beatriz que o tomou pela mão e o fez emergir dos círculos infernais de lembranças terríveis e, possivelmente, era nada mais nada menos que uma prima de Campos Salles, o grande arquiteto da Primeira República brasileira. E também porque sua história de vida é uma das poucas narrativas possíveis entre tantas outras de crianças de Canudos que não viveram para contar, ou que sobreviveram à guerra, mas suas histórias de vida se perderam na voragem do tempo.

Por ter tido um destino especial, por ter entrecruzado o tênue fio de sua vida com o da vida de um grande escritor e de um educador de renome, por ter se formado e tornado um professor, a vida de Ludgero foi diferente daquelas vidas do sem número de crianças convertidas em crias da casa, em mão de obra explorada. Ele rompe a homogeneidade aparente das vidas de crianças órfãs ou

¹²⁶ CALASANS Op. Cit.1986. p. 94.

¹²⁷ *Licínio Lima Prestes* entrevista concedida a Vanessa S. V. Monteiro, Bragança Paulista - SP em 19.02.08

¹²⁸ Euclides da CUNHA. Op. Cit p.157.

separadas de seus pais depois da derrota de Canudos, convertidas em pequenos trabalhadores explorados e em moeda de troca.

Muitas perguntas feitas ao longo da pesquisa ficaram sem resposta. Quais eram seus hábitos, quais as suas lembranças do arraial do Conselheiro, como seriam suas poesias que nós nunca leremos, quais os seus sonhos, quais os problemas de saúde que enfrentou, do que gostava de conversar com Beatriz? Perguntas que muito provavelmente permanecerão sem respostas, mas a história muitas vezes nos ensina que o que realmente importa não são as respostas, mas as perguntas que são capazes de nos inquietar.

Figura 3: Escola Estadual Abílio Manoel



Antigo Grupo Escolar de Bebedouro
Fotógrafo: Vanessa S.V. Monteiro (2006)

Figura 4: Ludgero no Grupo Escolar de Bebedouro



Fotógrafo desconhecido (sem data)
Acervo da Escola Estadual Abílio Manoel